

INTERCULTURALIDADE: A POLIFONIA NECESSÁRIA PARA A DEMOCRATIZAÇÃO DA ESCOLA

Vera Regina Souza dos Santos

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- verarssantos@yahoo.com.br.

Introdução

O presente trabalho traz reflexões iniciais de uma pesquisa que objetiva verificar as possibilidades e os desafios da elaboração de propostas curriculares interculturais. Parte do pressuposto que tais propostas são necessárias para a edificação de uma escola verdadeiramente democrática, tendo em vista que a interculturalidade tem como um de seus pilares fundamentais a *polifonia* e que a edificação de uma escola democrática pressupõe o *diálogo*. A apreensão das possibilidades e dos desafios encontrados pelas instituições educacionais na estruturação de propostas interculturais dá-se por meio de pesquisa participante, para acompanhar os movimentos empreendidos por professores e professoras de instituições educacionais localizadas em regiões da cidade do Rio de Janeiro caracterizadas por exclusão social. As questões que orientam tal investigação são: Com quais desafios se deparam professoras e professores quando se propõem a levar em consideração, no momento da estruturação de ações educativas, a realidade dos estudantes, seus interesses e suas culturas? Em que medida as propostas contemplam uma perspectiva intercultural de educação?

Metodologia, Resultados e Discussão

Uma análise inicial do tema, a partir do levantamento de experiências de educação intercultural na América Latina, permite apontar a defesa dessa proposta por parte de alguns pesquisadores e pesquisadoras, bem como sinalizar os principais desafios encontrados. Walsh (2009) e Mejía-Jiménez (2016) mostram que um projeto cultural europeu foi imposto às populações nativas, subalternizando seus conhecimentos, suas histórias, suas epistemologias. Tal projeto, segundo os autores, se perpetuou ao longo dos séculos e posicionou os grupos segundo um padrão moderno-ocidental em que a cultura europeia se sobrepôs às demais e em que a ideia de ciência concebida pela Modernidade desconsiderou os conhecimentos ancestrais. Ambos destacam o caráter político da pedagogia e sinalizam a emergência de propostas de educação intercultural como primordial para reverter esse quadro e afirmar as culturas latino-americanas.

Dussel (2016) também sinaliza a importância do conceito de cultura para a compreensão da condição de subordinação e subalternização a que foram submetidas populações latino-americanas. Entretanto, o autor critica a ideia de que a Modernidade seja contemporânea à hegemonia global da Europa, contrapondo-se, assim, às teses de Walsh (2009). Para o autor, culturas continuaram a se desenvolver em diferentes territórios, respondendo, à sua maneira, aos desafios da Modernidade. Observa-se, dessa forma, que diversos autores reivindicam propostas de educação intercultural como ação necessária para rompimento com o padrão de exclusão e subalternização a que foram submetidos os povos latino-americanos.

Contudo, muitos criticam o que vem sendo feito no continente, especialmente no âmbito das propostas de Educação Intercultural Bilíngue presentes em muitos países, que, com a intenção de valorizar os conhecimentos, valores, epistemologias indígenas, acabam por fazer com que estes elementos circulem apenas em escolas indígenas, estruturadas para os nativos. Segundo esses autores (VARGAS, 2017; MEJÍA-JIMÉNEZ, 2017), é preciso edificar uma proposta educacional para *todas as escolas*, em que se coloquem em diálogo e confrontação os diferentes conhecimentos e epistemologias. Tal perspectiva apresenta-se como potencial diante dos desafios enfrentados pelo campo educacional atualmente, onde se verifica uma tendência crescente ao estabelecimento de currículos universais e de avaliações de larga escala que acabam por exercer controle sobre o trabalho da escola (FREITAS, 2012) e promovem um apagamento das diferenças, além de uma invisibilidade das singularidades próprias de cada contexto e/ou localidade.

Sendo assim, torna-se urgente a edificação de propostas educacionais que – colocando em diálogo as diferentes culturas e histórias locais – permitam não apenas o conhecimento dos mecanismos de poder que posicionam política e economicamente os grupos, mas também promovam a percepção da possibilidade de edificação de formas de existência mais justas. Por meio da *polifonia*, pilar básico de uma proposta de educação intercultural, é possível ressaltar o caráter político da pedagogia, ao contemplar a possibilidade – como já informado – de construção de outro ordenamento político-cultural.

Ao tomar a interculturalidade como conceito central, tal proposta educativa permite, conforme Mejía-Jiménez (2017), a autoafirmação das diferentes culturas – por reconhecer o valor de cada uma e fazê-las se expressar –, a rejeição da visão negativa construída em relação a elas, além de ressaltar a possibilidade de novas formas de existência e convivência. Outra contribuição nos é sinalizada por Vargas (2017), que

ressalta que o diálogo polifônico além de permitir a proposição de um aprender a conviver que reivindique a diferença, pode também problematizar as estruturas de poder existentes na sociedade, conforme já sinalizado.

Não obstante essa potencialidade do conceito, diversos autores sinalizam os dilemas com que se deparam as propostas colocadas em prática na região – relacionadas a uma visão restrita de educação intercultural bilíngue, onde se organizam escolas para os povos nativos que fazem circular apenas os conhecimentos que estes já conhecem. Reivindicam, assim, a construção de uma escola *para todos*, onde os diferentes conhecimentos, epistemologias, cosmovisões entrem em diálogo. Sinalizam que a edificação de uma escola para um grupo determinado acaba por promover um processo de *etnização*, o que colabora para manter cada grupo em determinada posição, não alterando as bases do poder.

Em relação ao Brasil, a estruturação de propostas curriculares interculturais ainda se apresenta como um desafio para as escolas. Segundo Fetzner (2018), em pesquisa realizada no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), analisando relatórios de estudantes que participaram do Programa, o tema passa despercebido nas escolas. Ela mostra que, não obstante a potencialidade do conceito, muitas atividades que previam uma proposta intercultural nas escolas foram levadas pelos universitários e/ou professores coordenadores do Programa, sinalizando o quanto ainda precisa ser discutido para que as práticas educativas considerem e partam das realidades, dos interesses e das motivações dos/das estudantes. E é nessa perspectiva que a presente investigação se insere.

Conclusões

Como se pode perceber, o conceito de interculturalidade apresenta potencialidade no campo educacional e já vem ganhando destaque em muitos estudos nessa área em vários países da América Latina. Entretanto, há algumas questões próprias ao conceito que precisam de mais pesquisas, entre as quais podemos citar: a necessária compreensão, por parte de professores e professoras, do significado deste conceito em uma perspectiva crítica e da sua importância para a elaboração de propostas curriculares democráticas; a ruptura com uma visão essencialista do mesmo, o que tem levado a movimentos de *etnização* em algumas escolas; a compreensão do diálogo como elemento central de uma perspectiva intercultural e democrática, por extensão.

Referências

DUSSEL, E. *Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação*. Revista Sociedade e Estado, Brasília, DF, Brasil, v. 31, n. 1, jan./ abril 2016.

FETZNER, A. R. *Interculturalidade nas escolas: um estudo sobre práticas didáticas no PIBID*. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. 513-530, abr./ jun. 2018.

FREITAS, L. C. de. *Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação*. Educação e Sociedade, Campinas, v. 33, n. 119, p. 379-404, abr. jun. 2012.

MEJÍA JIMÉNEZ, M. R. *Diálogo-confrontación de saberes y negociación cultural: ejes de las pedagogías de la educación popular – una construcción desde el sur*. Educar em Revista, Curitiba, Brasil, n. 61, p. 37-53, jul./set. 2016.

VARGAS, J. L. Y. *Derroteros de la educación peruana en el XXI: interculturalizar, decolonizar y subvertir*. Ensaio: avaliação e política pública em Educação. Rio de Janeiro, v. 25, n. 97, p. 918-942, out./dez. 2017.

WALSH, C. *Interculturalidad, estado, sociedad: luchas (de) coloniales de nuestra época*. Universidad Andina Simon Bolívar. Quito: 2009.